



Escritos Psicodramáticos: Prêmio FEBRAP

Ensaio original sobre o tema do congresso, articulado aos conceitos da Socionomia e/ou Psicoterapia de Grupo e Processos Grupais. Apresentação de produção teórica ou prática relacionada ao Psicodrama.

Todos os trabalhos apresentados nessa modalidade estarão concorrendo ao Prêmio FEBRAP, (inserir Regulamento). Os textos que forem selecionados nas 3 primeiras colocações serão publicados em livro pela FEBRAP e apresentados durante o Congresso.

PSICODRAMA E SURDEZ: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO A UM CASAL SURDO-OUVINTE

Autoras e mini currículos (máximo 2):

Marcos Antonio Sousa Rodrigues

Psicólogo, graduado pela Unifanor/Wyden; Psicodramatista nível 1 pelo instituto de psicodrama e máscaras.

Declaração de conflitos de interesse (mencione afiliações comerciais, familiares ou de amizade) com a coordenação ou membros da comissão de pareceristas.

Não possuo.

Este artigo é um relato de experiência de atendimento clínico psicodramático a um casal surdo-ouvinte e aborda as adaptações das técnicas psicodramáticas no atendimento. Traz imagens que ilustram cada adaptação, respeitando a cultura surda e os fundamentos do psicodrama.

Palavras chave: psicodrama, surdo, casal, acessibilidade.

O Brasil tem uma população de 203.080.756 habitantes, dos quais, mais de 10 milhões são pessoas com deficiência auditiva, segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. Conforme o censo do IBGE (2010) Fortaleza tem 144.997 pessoas com deficiência auditiva. De acordo com Estatuto da pessoa com deficiência (Brasil, 2015) é considerada pessoa com deficiência, pessoas que possuam limitações sensoriais, físicas, mentais ou intelectuais a longo prazo, que possam ser impedidas de participar ativamente ou plenamente da sociedade em igual nível com os demais. Entretanto, para além das barreiras físicas é importante considerar as barreiras sociais.

A cultura surda é marcada historicamente pela expatriação em seu próprio país, levou-se mais de um século para reconhecer a validade da língua de sinais da nação surda no Brasil (Perlin, 2003), iniciando-se apenas em 1857 no Instituto Imperial dos Meninos Surdos, conhecido atualmente com Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Kraemer, 2012), porém, a língua de sinais foi legalizada apenas em 2002, por meio da lei 10.436 (BRASIL, 2002). O reconhecimento da LIBRAS como segunda língua oficial do Brasil ainda não aconteceu (Brasil,2023).

A língua de sinais, é a língua utilizada pelo povo surdo para se comunicar, contudo, cada país tem sua própria língua, aqui no Brasil, tem-se a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), no Estados Unidos, tem-se a American Sign Language (ASL). Deste modo, uma pessoa surda que mora no Brasil precisa aprender a ASL para conseguir estabelecer comunicação adequada com um surdo usuário de ASL (Sell & Rech, 2020).

Além disso, vale ressaltar que a LIBRAS é uma língua própria, não se trata de uma tradução do português para os surdos. A LIBRAS tem sua própria estrutura de linguagem e gramática (Perlin, 2003). De forma sucinta, os sinais em LIBRAS se dividem em dois tipos: Icônicos e arbitrários, os sinais que apresentam alguma semelhança com a imagem que representam são denominados icônicos, já os sinais que não apresentam nenhuma relação com a imagem são chamados de arbitrários (Sell et al., 2013). A cultura surda é construída em espaço eminentemente visual, no qual se lê o mundo e desenvolvem-se as identidades da população surda (Perlin, 2003), a decodificação acontece pela língua de sinais, por meio dela os surdos se sentem seguros para trocar experiências, tanto individuais como coletivas (Thoma, 2012).

A partir do exposto, pode se ter uma noção da riqueza e complexidade que a LIBRAS contém. Tamanha complexidade demanda do terapeuta disposição e interesse em debruçar-se para aprender uma nova língua e mergulhar em uma nova cultura, para a partir dessa base fazer o atendimento de pessoas usuárias de LIBRAS.

Atender pessoas surdas demanda do profissional, não somente o domínio de sua referência teórica e sensibilidade no tato, como também conhecimento da língua para uma comunicação fluida e conhecimento da cultura surda.

Guimarães e Silva (2020) observam que a ausência de conhecimento da LIBRAS por profissionais de saúde resulta na redução da privacidade, devido a necessidade de alguém que acompanhe e facilite a comunicação, construindo-se assim, uma barreira no acesso a saúde do sujeito surdo. Reconhecer o sujeito surdo em sua alteridade é condição *sine qua non* para construção de mudanças reais na vida e na saúde dessa população, caso contrário, a ajuda pode ser mais um fardo do que um apoio (Pinto, 2013).

Corroborando com o parágrafo anterior, Camargos e Ávila (2019) pontuam a importância de ter pesquisadores familiarizados com a língua materna da população surda no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), desta forma, os pesquisadores podem reconhecer comportamentos inerentes da cultura e captar de forma mais fiel a mensagem sem ignorar suas nuances.

O número de produções sobre psicoterapia e surdez ainda são escassos, além disso, existem pesquisas conduzidas por pessoas que não conhecem a cultura, os valores e a língua da população surda, estes pesquisadores apresentam mais dificuldade de acessar a subjetividade dos sujeitos surdos, visto que, recorrem ao uso de intérpretes para se comunicar com as pessoas surdas, tal fato, contribui para perda de material subjetivo (Camargo & Ávila, 2019).

Os autores Guimarães e Silva (2020) assinalam que é por meio da língua de sinais que se tem acesso a subjetividade do sujeito surdo, deste modo, uma análise que transcenda a interpretação da mensagem, e consiga chegar na compreensão das influências culturais, emocionais e perceptivas que mobilizam o sujeito, tendem a ser mais frutíferas, visto que, a tradução/interpretação insere um terceiro sujeito na relação terapeuta-cliente, retirando a equivalência do atendimento terapeuta-cliente (Camargo & Ávila, 2019).

Guimarães e Silva (2020), baseados em estudos sobre o atendimento a crianças surdas abusadas sexualmente, apontam que além do conhecimento da língua e da cultura, é necessário ser criativo para adaptar técnicas e trazer as intervenções para o campo visual e concreto, em alguns casos se necessário, realizar sessões com tempo maior que o convencional. No que concerne à criatividade o Psicodrama como abordagem teórica pode trazer sua contribuição.

O psicodrama é uma abordagem de cunho fenomenológico e existencial proposta por Jacob Levi Moreno, que carrega fortes contribuições de sua esposa Zerka Toeman Moreno. Nascido do trabalho vivencial e ideológico de Moreno o psicodrama surge do incomodo com as

abordagens analíticas que tinham como prerrogativa a existência de uma clínica fechada que focava no trabalho individual (Blatner & Blatner, 1996).

A Espontaneidade é uma parte essencial da filosofia existencialista presente no Psicodrama, com ela, em vez de paralisarmos ante uma dificuldade inesperada, assumimos o imprevisto como parte da existência. Pode ser desenvolvida quando ao se abrir ao novo ao invés de se fechar, o comportamento espontâneo é um comportamento saudável, comportar-se de maneira rígida, ter uma postura inflexível, portanto, é um comportamento adoecido (Blatner & Blatner, 1996). Nesse sentido, LIBRAS surge como um ato espontâneo diante das conservas de uma sociedade capacitista. De acordo com Dias et al. (2023) o capacitismo é forma idealizada de capacidade funcional e produtiva, parte-se do pressuposto que pessoas com deficiência tendem a ser improdutivas ou incapazes de exercer funcionalidade no meio social.

Uma das formas de aplicação de psicodrama é no atendimento com casais. Atender demandas de casal no consultório é atender o locus onde as pessoas materializam a expectativa de encontrar sua felicidade. É comum que o casal deixe para ir a psicoterapia, apenas como última alternativa, em uma fase já cansados, quase esgotados, olham para o parceiro como sintoma do mal estar na relação (Ponzoni, 2016).

O adoecimento na relação pode ser compreendido como uma disfuncionalidade na matriz de identidade, a estagnação em uma das fases da matriz pode gerar as distorções de percepção do casal, levando-os aos conflitos insolúveis (Levy et al., 2004).

As relações interpessoais quem formam o primeiro núcleo social do sujeito, como seus pais/cuidadores, irmãos, parentes mais próximos constituirão a matriz de identidade do indivíduo e por meio dessa matriz se dará o início do desenvolvimento do aprendizado da socialização e integração com a cultura (Fonseca, 2008).

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se é possível adaptar as técnicas terapêuticas utilizados na teoria psicodramática com casais ouvintes para atendimento com pessoas surdas, e foi norteado pelos seguintes objetivos específicos: Pesquisar e descrever os recursos terapêuticos utilizados na terapia psicodramática de casais ouvintes; Apresentar as principais singularidades no atendimento com a pessoa surda; Verificar através da aplicação prática da psicoterapia psicodramática com pessoa surda quais recursos terapêuticos são mais viáveis para esse público.

MÉTODO

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e caracteriza-se como relato de experiência, com foco na investigação das possíveis adaptações para o atendimento psicoterapêutico de casal com pessoas surda, tendo como base o referencial psicodramático (Monteiro et al., 2006). Foram assegurados durante a pesquisa todos os preceitos éticos e legais definidos para pesquisas com seres humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Os pacientes assinaram de forma voluntária o termo de consentimento livre e esclarecido.

Trata-se de um casal, adulto, hétero, com faixa etária entre 30 e 40 anos, sendo apenas um dos cônjuges surdo e outro ouvinte, ambos residentes na capital do Ceará. Para assegurar o sigilo e resguardar as identidades do casal foram adotados nomes e sinais fictícios para os pacientes.

Sendo Ana, a esposa e Paulo, o marido. Abaixo segue as imagens dos sinais respectivamente. O sinal de Ana é letra “A” em LIBRAS com o dedão encostando no espaço entre o lábio inferior e o queixo. O sinal de Paulo é letra “P” em LIBRAS com o dedo médio encostando no espaço abaixo do olho esquerdo.

IMAGEM 01: Ana

IMAGEM 02: Paulo

O método de investigação utilizado foram as sessões de Psicodrama, e os instrumentos utilizados foram: o diretor/psicoterapeuta (e pesquisador (a) desta pesquisa) que guiou as sessões; os protagonistas, que foram o casal participante; o palco, através do qual ocorreram as sessões de psicoterapia de casal e os prontuários das sessões bem como as anotações feitas pelo próprio terapeuta após as sessões.

Foram realizados 30 atendimentos clínicos em psicoterapia de casal, sem a mediação de intérprete de LIBRAS, com duração de 90 noventa minutos e recorrência semanal, no período de novembro de 2022 a junho de 2023. Inicialmente os atendimentos se deram de forma presencial, porém, após 8 sessões surgiu a demanda por parte do casal de mudar para o formato virtual para melhor adequação da agenda.

As técnicas foram avaliadas após a aplicação em cada sessão, dentre os critérios foram considerados a percepção do terapeuta da fluidez da sessão, o retorno imediato ou após do paciente acerca da comunicação, bem como, a facilidade de compreensão do paciente a cada orientação, sendo considerados válidas as sinalizações em que os participantes não sentiram dúvidas para responder ou conseguiram compreender mais rapidamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa técnica foi aplicada na primeira sessão, com objetivo de compreender as dificuldades que o casal trazia para o atendimento e como eles percebiam a situação do casamento. Ouve uma conversa inicialmente de acolhimento e também aquecimento para os preparar para dramatização. Iniciou-se o aquecimento com a pergunta: quais problemáticas vocês enxergam que a psicoterapia de casal poderá ajudar?

Nesse momento o casal pensou separadamente sobre sua resposta e responderam individualmente, Ana mencionou a comunicação, a raiva e a dificuldade de lidar com as emoções juntos. Paulo citou a dificuldade de lidar com as coisas sozinho, ser responsável de falar com a esposa, mas ela se fechar, e não o responder. Perguntei a Ana como era para ela ouvir ele falando aquilo, ela respondeu que se sentia mal, que às vezes não conseguia conversar com ele e resolver, porque estava muito mal, então se fechava no quarto, esperando ele tentar resolver. Mencionou também sentir-se muito magoada.

Terapeuta: Faça uma escultura desse sentimento.

Ana: Não consigo.

Terapeuta: Imagine uma imagem que me mostre o que você sente.

Ana: É como uma árvore que dá frutos, um dos frutos cai e fica ali perto sofrendo.

Terapeuta: Quem é você nessa cena, a árvore ou fruto?

Ana: O fruto, a árvore é ele (Paulo).

Terapeuta: (Fica de pé) Me mostra com seu corpo.

Terapeuta: Usa seu corpo para me mostrar (representar) como é esse fruto. Como se fosse um teatro.

Em seguida o terapeuta pede a Paulo que se posicione no lugar de árvore, com a ajuda da Ana, eles moldam escultura da árvore que Paulo representa. Na sequência, Ana assume a posição de fruto e o marido fica na posição de árvore. Ao assumir a posição de fruto ela começa a chorar, se emocionando fortemente. O terapeuta acolhe em silêncio o choro de Ana, passados alguns minutos em silêncio, ele pergunta:

Terapeuta (pergunta a Ana): O que gostaria de fazer?

Ana: Não sei.

Terapeuta (pergunta a Ana): Você quer retirar a árvore?

Ana: Não.

Terapeuta (fala para Paulo): Quero que você olhe para ela, e faça como ela, troque de lugar com ela e seja o fruto.

Terapeuta (fala para Ana): Gostaria que você visse a cena de fora, eu serei a árvore. Me diga o que vê?

Ana: muita mágoa, muito sofrimento, muita tristeza e muita desconfiança.

Terapeuta (fala para Ana): O que precisa para sair dessa condição?

Ana: precisa de mais amor.

O terapeuta volta Ana para dentro da cena no lugar de fruta e pede que o marido olhe a cena de fora, novamente o terapeuta sendo a árvore. Pede que Paulo diga o que ele vê.

Paulo: sinto muita pena, muita dó do que vejo.

Terapeuta (fala para Paulo): O que você gostaria de mudar na cena?

Paulo fica imóvel e não responde, parece não conseguir falar e nem agir. Então o terapeuta intervém:

Terapeuta (fala para Paulo): Sua esposa disse que precisava de mais amor, você tem esse amor para dar?

Paulo: Sim.

Terapeuta (fala para Paulo): Transforme esse amor em comportamento.

Paulo foi até a esposa, tirou-a da posição de fruta e a colocou de pé ao lado dele e deram os braços, os dois estavam visivelmente emocionados.

Terapeuta (fala para o casal): Olhem um para o outro. como estão se sentindo?

Paulo (fala para o Terapeuta): Estou dando amor a ela (fala muito emocionado).

Terapeuta (fala para Ana): Você está sentindo?

Ana (fala para o Terapeuta): Sim (fala muito emocionada).

Então, o terapeuta solicitou que saíssem da cena e se sentassem no sofá. Nesse momento iniciou-se a etapa de compartilhamento.

Adaptações da comunicação

O sinal criado para explicar a ideia de concretização demandou não somente a adaptação da linguagem, mas também a explicação de forma que os pacientes compreendessem que o objetivo seria demonstrar com o corpo o material simbólico que eles traziam no discurso em LIBRAS. Essa explicação foi processual e pouco intelectualizada, para não desaquecer os pacientes, retirando-os do momento de acesso a emoção e voltando para intelectualização.

Recorreu-se a explicação de que poderia ser uma *imagem* para ajudar a paciente a manter a sua expressão emocional em nível simbólico, mais próxima da realidade suplementar. O percurso percorrido pelo terapeuta ocorreu conforme abaixo:

IMAGEM 03: Fazer

IMAGEM 04: Escultura

IMAGEM 05: Sentir

A junção das imagens 03, 04 e 05, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: fazer escultura sentir. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta diz: *Faça uma escultura desse sentimento.*

Ao perceber que a mensagem recebida pela paciente não compreendida conforme o objetivo proposto, o terapeuta diz:

IMAGEM 06: Exemplo

IMAGEM 07: imaginar

IMAGEM 08: Imagem

IMAGEM 09: Mostrar para mim

IMAGEM 10: O quê?

IMAGEM 11: você

IMAGEM 05: Sentir

A junção das imagens 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 05 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: exemplo imaginar imagem mostrar para mim o que é isso você sentir. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta diz: *Imagine uma imagem que me mostre o que você sente.*

Após a paciente evoluir na elaboração da imagem mental o terapeuta conduz o processo para a concretização do sentimento e solicita:

IMAGEM 09 : Mostra para mim

IMAGEM 08: Imagem

IMAGEM 12: Corpo

A junção das imagens 09, 08, e 12 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: mostrar para mim imagem corpo. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta diz:

Terapeuta: Me mostre (represente) com o seu corpo.

A paciente conseguiu concretizar o sentimento, bem como, acessar o conteúdo emocional. A partir daqui segue-se a análise psicodramática.

Compreensão psicodramática

Embora no subtítulo da seção de capítulo conste o tema concretização, durante a sessão foram utilizadas outras técnicas como o espelho, no momento em que a paciente ou seu marido veem de fora a escultura construída e falam sobre como a escultura que veem os mobiliza. A escolha da escultura se deu de modo espontâneo e teve como objetivo ajudar o casal a visualizar a questão que os incomodava.

A escultura proporciona trazer para a consciência de forma cinestésica, conteúdos que tem força para transformar o relacionamento e a essência do conflito (BENEDITO, 2004), por

se tratar da primeira sessão, ela serviu de base para mostrar ao terapeuta algo que estava para além do discurso, e também colocar o casal diante da problemática, para que eles mesmos decidissem se deveriam continuar. Para haver psicoterapia de casal, ambos os cônjuges precisam estar implicados na busca da conciliação das dificuldades, caso alguém dentro do relacionamento não tenha interesse em dar continuidade na relação, não há motivos para realizar psicoterapia de casal.

Nesse caso, essa avaliação é feita no momento em que o terapeuta pergunta se Paulo tem o amor que Ana está precisando, caso ele respondesse de forma negativa, não poderia ser continuada as sessões, visto que o propósito da psicoterapia de casal não consiste no convencimento de ninguém, mas no acolhimento e na busca por melhorar os aspectos que ambos sentem que precisa ser melhorado no relacionamento.

Sessão Duplo

Iniciou-se o atendimento com a pergunta: o que vocês gostariam de trabalhar na sessão de hoje? Eles escolheram falar sobre os pontos positivos e negativos do relacionamento. O terapeuta tomou como base uma atividade realizada em sessões anteriores, onde escreveram sobre os pontos positivos e negativos no relacionamento, e solicitou que escrevessem novamente, mas desta vez, que mencionassem como imaginavam que o relacionamento deveria ser. Foi solicitado que lessem o que tinham escrito começando pelos pontos positivos do relacionamento.

Ana elencou como positivo: o marido carinhoso, brincalhão, compreensível e observador, preocupado com as coisas de casa, faz supermercado, lava a louça sem ela pedir, faz um bom sexo. Paulo elencou como positivo: a relação de amizade, sair juntos, fazer brincadeiras e piadas, esposa carinhosa, ajuda muito ele. Então, adentrou-se nos aspectos negativos. A esposa iniciou dizendo que o marido deveria ser mais carinhoso, nesse momento o terapeuta interveio:

Terapeuta (fala para Ana): Você colocou carinhoso nos pontos negativos, mas também colocou carinhoso nos pontos positivos, poderia me falar mais sobre isso?

Ana: hoje ele é assim carinhoso, mas há momentos em que eu queria que ele demonstrasse carinho e ele não demonstra, quando tenho alguma conquista, até conto para ele, na expectativa de alegrá-lo, ele festejar junto comigo, se animar comigo, mas ele não demonstra ânimo.

Terapeuta (fala para Paulo): Gostaria de dizer algo?

Paulo: Essa é a minha forma de demonstrar a felicidade pelas conquistas dela.

Ana (fala para Paulo): Responde desse jeito por ser o seu jeito, mas você precisa se desenvolver, você precisa melhorar!

Paulo (fala para Ana): Sou atencioso com você, já fiz isso outras vezes. Eu nunca fui atencioso com você? Você consegue me dizer que eu nunca reajo de forma atenciosa?

Ana (fala para Paulo): Você está exagerando! É claro que às vezes você faz, mas estou pedindo para aumentar a frequência. Eu não usei a palavra nunca e não disse que você nunca fez, estou pedindo para aumentar a frequência.

Paulo (fala para Ana): Esse é meu jeito. Cada um tem seu jeito de ser. Tenho minha história de vida, minha cultura, não fui estimulado a ser de outra forma. Na minha família não é assim, não damos parabéns, a gente demonstra mais a tristeza.

Ana (fala para Paulo): na minha família também não teve esse estímulo, mesmo assim, eu me desenvolvi, e você pode sim melhorar, mas para isso você precisa querer se desenvolver.

Neste momento eles ficaram em silêncio, o silêncio durou alguns minutos, o terapeuta pediu para mostrar ao casal como percebia aquele momento.

Terapeuta (no duplo de Ana): Me sinto triste, eu compartilho uma conquista com o meu marido e parece não se importar. Parece que não é importante para ele, e eu sinto que eu não tenho importância.

Terapeuta (fala para Ana): Você concordava com essa fala?

Ana (fala para o Terapeuta): É assim que eu me sinto.

Na sequência o terapeuta fez um duplo do marido e disse:

Terapeuta (no duplo de Paulo): Quando a minha esposa vem me contar suas conquistas eu dou atenção, que eu considero suficiente, e está tudo bem, tem outras coisas mais importantes para fazer.

Terapeuta (fala para Paulo): concorda com o que foi dito?

Paulo (fala para o Terapeuta): Não. Porque eu me importo, sim, com o que ela sente, e fico muito feliz de ver ela conquistando coisas. Fico alegre. Só que não demonstro, eu fico realmente sem demonstrar, mas isso não quer dizer que eu não fico muito feliz com as conquistas dela, só é meu jeito, eu não fico incomodado quando ela vem contar as conquistas dela, eu fico feliz!

Terapeuta (fala para Paulo): Falarei novamente como se fosse você.

Terapeuta (no duplo de Paulo): Fico feliz quando ela vem contar as suas conquistas, mas não consigo demonstrar essa alegria, eu fico muito feliz por dentro, mas não consigo externalizar isso, mas esse é o meu jeito.

Terapeuta (fala para Paulo): concorda com o que foi dito?

Paulo (fala para o Terapeuta): Sim, cem por cento!

Terapeuta (fala para Paulo): Como você se sentiu quando eu falei como se eu fosse a Ana?

Paulo (fala para o Terapeuta): sinto vontade de mudar, de fazer diferente, demonstrar que fico feliz que sinto empatia quando ela fala sobre suas conquistas.

Terapeuta (fala para Ana): Como você se sentiu quando eu falei como se eu fosse o Paulo?

Ana (fala para o Terapeuta): Sinto dó, porque percebo que na história de vida dele não teve estímulo para demonstrar, ele não foi estimulado pela família dele a expressar os sentimentos, ele se desenvolveu como uma criança muito tímida, eu conheço a história de vida dele. Então, sei que ele é muito tímido e por isso sinto dó dele.

Adaptações da comunicação

A construção do sinal para realização do duplo, assim como no caso anterior, aconteceu em etapas de compreensão. Entretanto, diferente da concretização, esse sinal foi evoluindo durante todo o processo psicoterapêutico até chegar em um sinal que se tornou sucinto e claro.

Para garantir o máximo de compartilhamento da experiência de sinalização, foi escolhida uma sessão para fazer o recorte, mas nesta análise será apresentada a evolução completa da sinalização até chegar no resultado que utilizado na sessão escolhida para recorte.

Nos atendimentos iniciais, quando deseja aplicar a técnica do duplo o terapeuta dizia:

Imagem 13: Agora Imagem 14: Eu Imagem 01: Ana

Imagem 13: Agora Imagem 14: Eu Imagem 02: Paulo

A junção das imagens 13, 14, e 1 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: agora eu Ana. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: agora farei o papel de Ana.

A junção das imagens 13, 14, e 2 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: Agora eu Paulo. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: Agora farei o papel de Paulo.

Esta ação do terapeuta indicava ao casal que naquele momento ele assumiria o papel de alguém na relação e falaria não mais como terapeuta, mas sim, como a pessoa mencionada. Desta forma, era feita a diferenciação das falas durante o uso da técnica duplo durante o atendimento. Para sinalizar ao casal que estava saindo do duplo, e voltando a falar no papel de terapeuta, era dita a seguinte frase:

Imagem 05: Agora

Imagem 06: Eu

Imagem 15: Marcos (Terapeuta)

A junção das imagens 13, 14, e 15 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: agora eu Marcos. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: agora voltarei ao papel de Marcos.

À medida que as sessões foram ocorrendo a comunicação foi se tornando quase intuitiva, e a sinalização para realização do duplo evoluiu e foi sintetizada em um único sinal:

Imagem 16: Duplo

Este sinal foi inspirado no sinal de mudança em LIBRAS, que diferente do sinal mostrado na imagem 16, é restrito ao espaço dos dedos das mãos, enquanto nessa adaptação uma mão fica próxima ao peito e outra segue em direção ao paciente, o sentido de troca se dá pelo movimento de troca das mãos, enunciando que houve uma mudança. Com aplicação deste sinal, a comunicação ficou mais fluída e menos faseada. Contudo, por se tratar de um sinal que foi criado junto com os pacientes no respectivo atendimento, este sinal não tem validade e nem reconhecimento externo, ou seja, para outros surdos que não passaram pela experiência de construção do significado deste sinal.

Compreensão psicodramática

O Duplo construído junto com o casal pode ser utilizado para mostrar os desconfortos e idealizações que existem na relação, e facilitar o diálogo entre o casal, assim a técnicas contribui para fluir a espontaneidade do casal (Vitalle, 2016).

Seguindo a sugestão de Vitalle (2016) foi aplicado o duplo para mediar a conversa entre o casal, por meio dele o terapeuta acolheu os sentimentos de um durante a sessão e estimulou uma nova linguagem, uma comunicação que transmitisse aos cônjuges a mensagem de cada parceiro, sem deturpar o sentido, porém, sem o tom agressivo. À medida que a conversa vai fluindo com a mediação do terapeuta no duplo, é possível notar mudança que o casal vai tomando de postura, pensando sobre a problemática e como saná-la.

Sessão Inversão de Papéis

O casal chegou sorridente para sessão, quando questionados sobre qual seria o tema da sessão, ambos ficaram em silêncio, se olharam, passaram um para o outro, pedindo pra começar. O terapeuta que aguardava em silêncio, disse:

Terapeuta: Quem sentir-se à vontade pode começar a falar.

Paulo (fala para o Terapeuta): Gostaria de falar sobre dinheiro. Trabalho para pagar as contas e não ganho muito, ganho pouco, e por isso, não compro nada para mim, e tento ao máximo economizar para conseguir pagar todas as contas. Mas noto que ela (Ana) não se preocupa, e faz dívidas e comunica apenas na hora de fazer o pagamento. Ela começou a trabalhar, mas o salário que ela vai receber agora, o primeiro salário, já está todo comprometido com dívidas, eu esperava que ela tivesse empatia comigo e me ajudasse a pagar as contas dividindo metade das contas ou pelo menos pagando algumas contas.

Ana (fala para Paulo): Tenho muitas contas antigas, preciso pagá-las, por isso, estou com o salário comprometido, além disso, precisava fazer as unhas, o cabelo, coisas de mulher que homem não precisa fazer, e você não dá dinheiro pra eu fazer essas coisas.

Eles então começaram uma discussão, não era possível entender o que diziam, com os dois falando ao mesmo tempo, impossibilitando totalmente a comunicação. O terapeuta pediu para falar, e retomou acordo no qual, apenas um poderia falar e o outro apenas ouviria. Devido toda a tensão, foi proposto um exercício de respiração para relaxar um pouco e acalmar os ânimos do casal.

Terapeuta: Organizem mentalmente o que gostariam de falar durante a conversa. Em seguida, me digam quais os tópicos serão citados.

Paulo (fala para o Terapeuta): Empatia e dinheiro.

Terapeuta: E você Ana, quais os tópicos deseja falar?

Ana (fala para o terapeuta): confiança, respeito e mágoa.

Terapeuta: Agora vamos iniciar a conversa, relembro a vocês nosso acordo. Peço que falem apenas dentro do tópico escolhido. Só poderão começar falar, quando o outro tiver encerrado.

Ana (fala Paulo): Você pode começar.

Paulo (fala para Ana): Amo muito você. Mas você precisa ter empatia comigo, pois, eu trabalho muito, e por muito tempo, você ficou apenas em casa sem trabalhar. Ganho pouco,

espero que você tenha empatia comigo e divida as contas, assim, o dinheiro vai render mais, você pode também ajudar não contraindo novas dívidas.

Ana (fala Paulo): Eu ficava apenas em casa, mas em casa trabalhava muito também, limpava, organizava a casa, fazia comida, fazia tudo para sempre receber você muito bem. Sempre que vou ao mercado peço a você dinheiro para comprar o que está faltando. Você precisa confiar em mim, sinto que você não confia. Você ficou me questionando por que eu comprei coisas a mais no supermercado.

Ele interrompe a fala dela dizendo que não foi bem assim, que ela está errada. Nesse momento o terapeuta intervém, e pede que ele fique em silêncio e deixe-a falar, no momento que ela encerrar, ele terá a palavra novamente.

Ana (fala Paulo): Se você não confia em mim para fazer as compras, você deveria fazer as compras, ao invés de me dar o dinheiro para comprar.

Paulo (fala para Ana): Desculpa. Houve um engano, eu realmente vi que estava precisando comprar coisas a mais, mas eu não tinha me dado conta da real quantidade.

Terapeuta (fala para o casal): Gostaria de propor que vocês experimentassem um pouco o lugar um do outro. Vamos inverter os papéis, falem como se fossem seu cônjuge, tentem falar exatamente o que foi dito pelo outro.

Paulo (fala no papel de Ana, para Ana): Paulo, você deveria confiar mais em mim, me dar o dinheiro para comprar as coisas para casa que estão em falta.

O terapeuta verifica se Ana está satisfeita com a versão de si mesma que vê seu marido interpretar, ou se ela gostaria ou adicionar algo mais. Ela solicita que ao interpretar a própria esposa, Paulo adicione em sua fala o agradecimento e o reconhecer pelo esforço do marido.

Paulo refaz a cena e inclui a fala solicitada por Ana, mas ele não consegue na primeira tentativa, esquece as falas, erra a postura, e volta a fazer mais duas tentativas sem sucesso. Porém, depois de muito esforço ele consegue concluir, usando exatamente as falas da esposa.

Paulo (fala no papel de Ana, para Ana): Paulo, você deveria confiar mais em mim, me dar o dinheiro para comprar as coisas para casa que estão em falta. Eu sei que trabalha bastante, e fazer isso sozinho, não é fácil. Obrigado.

Terapeuta (fala para Ana): Você concorda com essa Ana que você está vendo ou gostaria mudar algo?

Ana (fala para o Terapeuta): Concordo, é isso mesmo.

Em seguida, é a vez da esposa assumir o papel do marido, falando como se fosse ele, ela tenta, mas logo em seguida esquece toda a frase. O terapeuta pede a Paulo para repetir a frase que foi dita e ajudar Ana a concluir sua fala no papel de marido.

Paulo diz que Ana ao interpretá-lo deve pedir mais empatia, pedir ajuda para pagar as contas em casa, no papel de marido, ela deve dizer a esposa que ela também é responsável financeiramente pela relação.

A esposa tenta novamente, mas não consegue concluir, faz tentativas sucessivas e não consegue falar enquanto está no papel do marido. Ela parece ter muita dificuldade de se colocar no papel dele, transparece uma energia baixa os movimentos são lentos. Contudo, o terapeuta insiste e pede que ela tente até conseguir, ela se esforça mais um pouco, o terapeuta, começa a falar as partes que ela esquece, até que ela consegue concluir.

Terapeuta (fala para casal): Como foi a experiência para vocês?

Ana (fala para o terapeuta): foi difícil, eu esquecia o que deveria dizer. Achei cansativo, mas percebi coisas que não tinha percebido.

Paulo (fala para o terapeuta): Eu também achei difícil, tive que fazer várias vezes, mas percebi que ela também trabalha em casa. Muito obrigado por hoje.

Adaptações da comunicação

A adaptação dos sinais para aplicar a inversão de papéis passou por um processo muito semelhante ao vivenciado com o duplo, talvez a semelhança tenha ocorrido, dada a semelhança entre as técnicas também, assim como Duplo, houve uma evolução na sinalização no qual se utilizavam três sinais para indicar a aplicação da técnica, mas com o passar do tempo e a familiarização, desenvolveu-se de forma espontânea um novo sinal que foi prontamente compreendido pelo casal durante a sessão.

O processo inicial de aplicação da inversão de papéis demandou a explicação e treino do próprio terapeuta juntamente com o casal, para que o casal compreendesse o que estava sendo pedido, o terapeuta utilizou-se dos sinais conforme abaixo:

Imagem 06: exemplo

Imagem 11: você

Imagem 17: falar

Imagem 1: Ana

A junção das imagens 06, 11, 17 e 1 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: Exemplo você falar Ana. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: Por exemplo, agora você vai falar como se fosse a Ana.

Conforme as sessões foram ocorreram, a sinalização para realização da inversão de papéis evolui e foi sintetizada em um único sinal:

Imagem 18: Inversão de papéis

O sinal foi utilizado com casal para solicitar que trocassem de papéis, o retorno ao papel se dava pela realização do sinal ao contrário, desse modo, fez o sinal solicitando a inversão de papéis, e fez o sinal de forma contrária sinalizando a retomada dos papéis.

Compreensão psicodramática

A inversão de papéis é uma técnica riquíssima para aplicação com casais, mas é importante preparar o casal, para esta fase, como visto no caso Ana teve dificuldades para ficar no papel do marido e falar como se fosse ele. As dificuldades de permanecer no papel durante a inversão são totalmente compreensíveis, demonstram apenas que aquele movimento deve ser mais trabalho pelo terapeuta, visto que o protagonista sente dificuldade para lidar com a inversão (Vasconcelos, 2016).

Existem autores que apontam que a dificuldade para inverter papéis está ligada com o desenvolvimento da matriz de identidade da pessoa, sendo necessário trabalhar mais esse tipo de movimento para que o protagonista consiga realizá-lo adequadamente (Vitalle, 2004).

Essa sessão deixou uma sensação pesada, apesar de começar com um clima muito leve à medida em que se adentrou na temática, clima mudou junto com o casal. Embora seja difícil e cansativo para o terapeuta e para os pacientes lidarem com sessões assim, é importante, afinal é um indicativo claro de que ali existem demandas latentes a serem trabalhadas, se o terapeuta recuar dessa tarefa, o casal manterá o status quo.

Apesar do peso do desafio, na sessão seguinte foi perceptível o impacto positivo das inversões de papel na sessão, eles começaram o movimento de respeitar mais a escuta da fala um do outro, o terapeuta já não precisava mais intervir pedindo que eles escutassem, para que eles esperassem o outro falar, já conseguiam ouvir e falar, inclusive mencionaram durante a sessão que fizeram o mesmo exercício sem a presença do terapeuta, estavam tentando replicar a mesma conversa seguindo as regras de fala e escuta e conversaram por 3 horas, e se sentiram muito felizes por notarem que conseguiam conversar um com o outro sem a mediação do terapeuta.

Essa postura pode ser lida como um grande avanço do casal, o terapeuta fez junto com eles o role-taking, ajudando a treinar o papel de escuta e fala junto com eles, iniciando-se pelo duplo, pela concretização pelo reconhecimento do outro. Em seguida evoluíram para o role-playing executando, mesmo com certas dificuldades o papel de escuta e fala, como também a sensação de estarem no lugar do parceiro(a), e alcançaram o role-creating, criando por si mesmos momentos para conversar e aplicar a maneira deles os recursos aprendidos durante as sessões.

Sessão Espelho

Esta sessão, diferente das sessões anteriores aconteceu no formato remoto, o casal foi acolhido de forma virtual, após os cumprimentos, o terapeuta pergunta ao casal sobre o que gostariam de falar naquela sessão. O casal opta por falar sobre sexo. Ana inicia falando:

Ana (fala o Paulo): sinto falta da frequência do sexo, a frequência é baixa.

Paulo (fala para Ana): Gostaria que você me procurasse, só eu procuro você.

Ana (fala para Paulo): Quando procuro, você me responde que está preocupado ou está com dor de cabeça, ou está com dor de estômago, ou está pensando no trabalho. Eu acho estranho porque geralmente os homens são mais sexuais, é geralmente o homem que procura mulher e a mulher que geralmente está com dor de cabeça.

Paulo (fala para Ana): Não tem como forçar sentir tesão, o sexo precisa ser natural.

Ana (fala para Paulo): Você não me respondeu. Estou sem resposta.

Paulo (fala para Ana): Há dois meses atrás, você estava me chamando de gordinho, dizendo que eu deveria emagrecer.

Nesse momento o terapeuta intervém:

Terapeuta (fala para o casal): Posso mostrar para vocês o que estou vendo?

Casal (fala para o terapeuta): Sim.

Terapeuta (assume o papel da esposa e fala para o casal): Eu me sinto uma mulher que não é desejada, vejo outras mulheres atraentes e eu não estou sendo atraente, o que que está acontecendo aqui?

Terapeuta (assume o papel do marido e fala para o casal): Eu me sinto inseguro. Por que eu não me sinto seguro para fazer sexo com a minha esposa?

Ana (fala para Paulo): Sinto necessidade e essa necessidade precisa ser suprida.

Paulo (fala para Ana): Você sempre usa as palavras como se eu nunca fizesse o que você quer. Eu sinto que suas palavras são fortes e machucam como uma faca. Eu sinto falta de ver você pedir desculpas, ser flexível comigo.

Após um tempo de silêncio, o terapeuta fala:

Terapeuta (fala para o casal): Sinto que vocês precisam reaprender a combinar as regras do relacionamento, inclusive dentro do sexo, entender o que é importante para cada um, o que podem fazer para se sentirem mais atraídos um pelo outro.

Paulo (fala para o Terapeuta): É difícil porque ela muda os acordos, eu faço um acordo com ela, depois ela muda.

Terapeuta (fala para o casal): É importante vocês entenderem que o contrato será sempre refeito. Vocês vão estar em constante processo de adaptação, porque o relacionamento está em constante mudança. Por isso, é importante que os acordos sejam feitos e refeitos, para vocês ficarem mais à vontade um com o outro, irem se conhecendo melhor. Além disso, o sexo não se reduz a contato físico, começa com uma conversa, elogios, carinho, na busca por conhecer zonas erógenas no corpo do cônjuge. Se vocês não sabem, perguntem ao parceiro(a), explorem o corpo de seu companheiro(a). O que vocês acham?

Casal (fala para o terapeuta): Concordamos.

Encerramos a sessão combinados de que caso tivessem interesse continuaríamos aquela conversa na sessão seguinte.

Adaptações da comunicação

O sinal utilizado para aplicação da técnica do espelho é o mesmo sinal utilizado na LIBRAS, sendo um sinal reconhecido entre os usuários da língua de sinais. Outra coisa que vale destacar, é o fato desde o começo permanecer ser utilizado da mesma forma, sem demandar nenhum tipo de adaptação ou explicação durante o atendimento. Simplesmente dizia ao casal:

Imagem 14: Eu Imagem 19: mostrar

A junção das imagens 14 e 19 em sua literalidade, formam respectivamente a frase: eu mostrar essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: Eu vou mostrar para você.

A simplicidade de realização do sinal e o reconhecimento dele pela comunidade surda viabiliza a utilização da técnica do espelho por outros terapeutas que atendam surdos. Um fator

que pode ser preponderante é a necessidade de se conhecer mesmo que em nível básico a fundamentação da técnica para sua aplicação de forma adequada.

Compreensão psicodramática

A técnica do espelho foi a técnica mais presente em todas as sessões realizadas, divisão dela em uma subseção é apenas para fins didáticos, pois, é possível desde a primeira sessão sua aplicação, quando o terapeuta solicita que o casal veja a escultura de fora. Outro momento oportuno ocorre quando o casal inverte os papéis, eles veem seu cônjuge falando como se fossem eles, e por último no recorte utilizado para essa subseção, o terapeuta mostra ao casal sua percepção, embora não seja uma dramatização clássica onde se monta a cena, o palco é fala, onde o drama é narrado, vivido, sentido e ressignificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar uma prática clínica que seja não exclua as pessoas é urgente, entender que o atendimento a pessoas surdas deve ser feito por profissionais que no mínimo tenha domínio da língua materna desse público, ainda é pouco.

Ainda estamos longe do melhor, pois, o ideal seria termos psicólogos surdos atendendo na clínica, pesquisando na academia, publicando livros e treinando ouvintes interessados em aprender mais uma forma acolhedora de atuar. Porém, esta ainda parece ser uma realidade muito distante dos nossos dias.

Assumo aqui com esta modesta contribuição, o compromisso de aliado, pois, não tenho lugar de fala e nem tem direito de falar pelos surdos, talvez esse tenha sido o maior erro da hegemonia ouvintista, como diria Perlin. Me denomino aliado, por buscar criar espaços e levantar problematizações para que os surdos falem, sim, falem com suas mãos, com suas histórias e almas.

REFERÊNCIAS

Benedito, V.L.Y. (2004) Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama. São Paulo: Ágora.

Blatner, A., & Blatner, A. (1996) Uma visão global do psicodrama. São Paulo: Ágora.

Brasil. Congresso Nacional. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. (2023) Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. Brasília: 2012. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf

Camargo, G; Avila, L. (2023) Análise de processos de formação de quadros psíquicos de surdos congênitos em psicoterapia. **Revista de psicologia**, Fortaleza. v.12, n2, p.56-74. Jul./dez. 2021. [v. 12 n. 2 \(2021\): V.12, N.2, 2021 \(JULHO-DEZEMBRO\)](#)

Camargo, G; Avila, L. (2019) A interface da psicologia com a surdez uma revisão sistemática. Revista de psicologia, Fortaleza. v.10, n2, p.202-2016. Jul./dez. [v. 10 n. 2 \(2019\): V.10, N.2, 2019 \(JULHO-DEZEMBRO\)](#)

Dias, F.S; Moreira, M.C.N; Silva, L.N. (2023) Deficiência e capacitismo: uma agenda nacional inconclusa para a 17ª Conferência Nacional de Saúde. Cad. Saúde Pública. v.39, n6, p.1-6. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT068723>

Fonseca, J. (2008). Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora.

Guimarães, V.M.A., & Silva., J.P. (2020) Sexualidade e Surdez: uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003201645>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022) Panorama censo 2022. <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010) Censo 2022. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/pesquisa/23/23612>

KRAEMER, Graciele. Identidade e cultura surda. In: LOPES, Maura C. (2012) *Cultura surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 138-153.

Levy, L. Robert e Dora, Barbara e George: erros e acertos de Moreno no sociodrama de casal. In: Vitale, M.A.F. (2004) *Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora. p. 37–45.

Monteiro, A.M., & Merengué, D., & Brito, V. (2006) *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Perlin, G. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Pinto, T. Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear: reflexões a partir do contexto clínico francês. (2013) *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 2, p. 33–51, <https://www.scielo.br/j/pc/a/r7hp4GYgYxcKVzpg8R5BRPC/?lang=pt>

Ponzoni, V.B. Terapia de Casal e psicodrama: para além da técnica, um profundo encontro. In: Castanho, G. (2016) *Psicodrama com casais*. São Paulo: Ágora, p. 31–46.

Sell, F.S.F. A disciplina de Libras no Ensino superior e seus impactos na visão dos licenciandos em relação à surdez e à Libras. (2020) **The Specialist**, v. 41, n. 1, p. 1–13, <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42490/32002>

Thoma, A.S. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: Lopes, M.C. (2012) **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos. p. 154-180.

Vitale, M.A.F., & Barberá, E.L., & Montoro, G.C.F., & Motta, J.M.C., & Levy, L., & Ferrara, L., & Baptista, M.C.V.D., & França, M.R.C, & Seixas, M.R.D, & ECHENIQUE, M., Benedito, V.L.Y. (2004) *Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Vasconcelos, M.F.F., & Melo, M.R., & Carvalho, M.C., & Venancio, K.M.S. (2022) Pela realidade suplementar desses (nossos) tempos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 30, 1-12. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.588>

ANEXOS

Sinal: Ana



IMAGEM 01

Sinal: Paulo



IMAGEM 02

Sinal: Fazer



IMAGEM 03

Sinal: escultura



IMAGEM 04

Sinal: Sentir

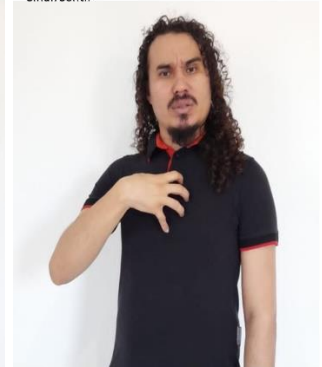


IMAGEM 05

Sinal: Mostrar para mim



IMAGEM 09

Sinal: O que é isso?/ O quê?



IMAGEM 10

Sinal: voce



IMAGEM 11

Sinal: Sentir



IMAGEM 05

Sinal: Mostrar para mim



IMAGEM 09

Sinal: imagem

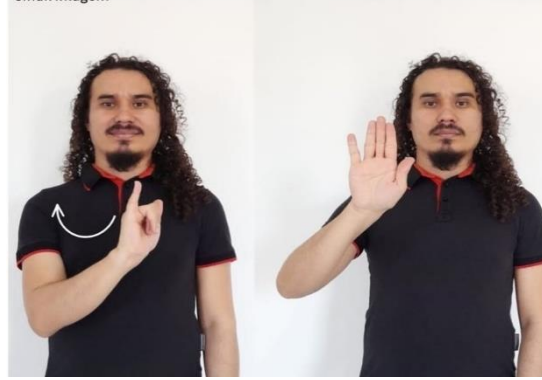


IMAGEM 08

Sinal: corpo



IMAGEM 12

Sinal: agora

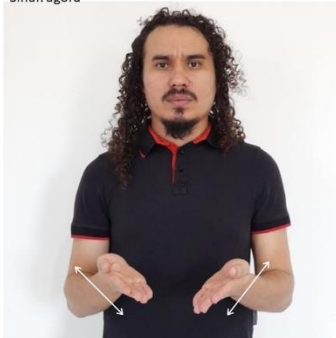


Imagem 13: Agora

Sinal: eu



Imagem 14: Eu

Sinal: Ana



Imagem 01: Ana

Sinal: agora



Imagem 13: Agora

Sinal: eu



Imagem 14: Eu

Sinal: Paulo

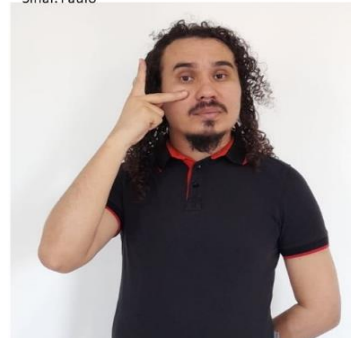


Imagem 02: Paulo

Sinal: agora

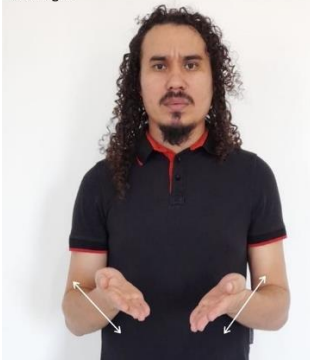


Imagem 05: Agora

Sinal: eu

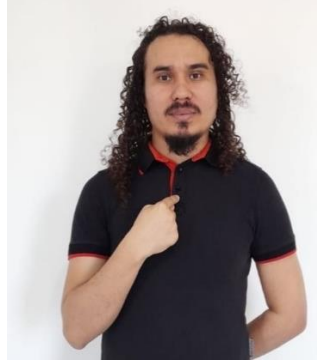


Imagem 06: Eu

Sinal: Marcos



Imagem 15: Marcos (Terapeuta)

Sinal: duplo



Sinal: exemplo



Imagem 06: exemplo

Sinal: você



Imagem 11: você

Sinal: falar



Imagem 17: falar



Sinal: Ana



Imagem 1: Ana

Sinal: inversão de papel



Imagem 18: Inversão de papéis

Sinal: eu



Imagem 14: Eu

Sinal: mostrar



Imagem 19: mostrar